

UM DUPLO *ANTONINIANUS* DO TESOURO DE MONTALEGRE

João Paulo Barbosa¹

No presente trabalho damos notícia da existência de uma denominação rara da Casa da Moeda de Lugdunum, cunhada durante o reinado de Carus e sua família (282-285), em conjunto com *aurei* e *antoniniani*. É ela um duplo *antoninianus* proveniente de um tesouro encontrado em Montalegre (Vila Real) no início dos anos 1970².

A primeira notícia do achado deste depósito de moedas do século III, na vila de Montalegre, no distrito de Vila Real, data de 10 de Julho de 2002 tendo sido publicada no jornal *Diário de Trás-Os-Montes* referindo que a Câmara Municipal de Montalegre havia comprado um “pote de moedas romanas” que continha um “tesouro escondido há 30 anos”³. Segundo este jornal regional de Bragança, o “tesouro” era “composto por 994 moedas, a sua maioria de prata, algumas de bronze e outras de cobre com banho de prata, todas elas encontradas dentro de um pote de cobre”. Informam também que “as peças remontam ao período romano dos finais do século III da nossa era e têm o cunho dos imperadores Probo e Carino”⁴. Esta compra foi noticiada treze dias depois, a 23 de Julho de 2002, no site Espigueiro – Central de Informações Regionais, sendo aí descrito o contentor do tesouro como “um vaso em bronze com 21 cm de altura”⁵. Em 2005 o contentor e a totalidade do depósito monetário deram entrada no Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa, em Braga, para serem

¹ Doutorando em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto/CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória. Bolseiro da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

² Este depósito monetário integra o trabalho que nos encontramos a desenvolver sobre a circulação monetária no Noroeste de *Hispania* no século III.

³ <http://www.diariodetrasmontes.com/noticias/complecta.php?id=2549> [acedido a 10 de outubro de 2013].

⁴ O *Diário de Trás-Os-Montes* descreve a forma como o tesouro foi adquirido pela Câmara Municipal: o presidente desta edilidade foi alertado pelo director regional do Instituto Português do Património Arquitectónico para a importância de um achado numismático feito há “30 anos”, na década de 1970, pelo proprietário de um restaurante local que, sabendo que não é permitido por lei manter-se na posse de um achado deste tipo, deixou passar alguns anos e alterou a sua versão dos factos alegando em 2002 que “as moedas foram-lhe deixadas por um familiar entretanto falecido”. A Câmara Municipal de Montalegre não divulgou o nome, ou qualquer outra informação que pudesse levar à identificação, do achador deste depósito numismático e pediu uma avaliação ao arqueólogo da vizinha Câmara Municipal de Chaves, Dr. Sérgio Carneiro, que propôs o valor de 30.000 euros que acabou por ser aceite pelas duas partes envolvidas na transação. Após a compra, ainda segundo o jornal citado, as moedas iriam ser “inventariadas e identificadas” com o objectivo de mais tarde serem expostas “numa das dependências do castelo da cidade”.

⁵ <http://www.espigueiro.pt/noticias/b618c3210e934362ac261db280128e22.html> [acedido a 10 de outubro de 2013].

objecto de tratamento (limpeza, estabilização e consolidação)⁶ tendo sido entregues, em março do ano seguinte, ao Ecomuseu de Barroso onde se encontram atualmente depositados com a informação deste tesouro ter sido encontrado na “zona envolvente ao castelo de Montalegre”⁷.

A ficha de entrada no Museu D. Diogo de Sousa indica que o vaso em bronze tem 230 mm de altura, 139 mm de diâmetro no bojo, 76 mm de diâmetro no bordo e 80 mm de diâmetro na base e apresentava pontos de solda no colo e na pança indiciando a existência anterior de uma asa. O seu estado de conservação era razoável embora a superfície estivesse coberta por depósitos de corrosão concentrados especialmente na parte inferior do bojo apresentando-se, conseqüentemente, mais degradada com deformações e lacunas⁸. Foi também recebido na mesma instituição um fragmento de bronze com 2 x 3 cm, pertencente ao vaso, que não sofreu qualquer intervenção para possibilitar a eventual realização de análises no futuro.



Fig. 1 – Vaso em bronze do Tesouro de Montalegre depois do tratamento e restauro (Esc. 1:4).

⁶ Agradecemos as informações ao Dr. David Teixeira, técnico do Laboratório de Conservação e Restauro do Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa aproveitando para estender o agradecimento à Directora desta instituição, a Dr^a. Maria Isabel Cunha e Silva, pelas facilidades dadas no acesso ao laboratório e pela amável e desinteressada disponibilização de elementos para o estudo deste tesouro como os originais das fotografias dos aversos e reversos de todas as moedas que o compõe.

⁷ Identificador: ECO-02825. Ecomuseu de Barroso, Terreiro do Açogue, 5470-250 Montalegre. Email: ecomuseu@cm-montalegre.pt

⁸ N^o de inventário MDDS – 2005.0363. O tratamento (N^o Trat. – T 7815) iniciou-se a 11 de setembro de 2005 e foi finalizado a 10 de janeiro do ano seguinte tendo a peça sido entregue ao seu proprietário em março de 2006.

Era dentro deste contentor que se encontravam depositadas as moedas do tesouro de Montalegre cujo número total não é uniforme segundo as várias informações ao longo do tempo. A primeira referência a este conjunto, feita pelo já citado jornal *Diário de Trás-Os-Montes*, diz-nos que é formado por 994 moedas⁹ enquanto que o total de numismas, tratados no Museu Regional de Arqueologia D. Diogo de Sousa¹⁰ e atualmente depositados no Ecomuseu de Barroso, é de 957 moedas divididas em 952 *antoniniani*, 1 duplo *antoninianus* e 4 *denarius*¹¹. Os governantes representados eram os seguintes: Severus Alexander I – 1 ex. (0,10%); Maximinus I – 1 ex. (0,10%); Philippus I – 1 ex. (0,10%); Valerianus e Gallienus – 9 ex. (0,94%); Gallienus e Salonina – 378 ex. (39,50%); Claudius II – 225 ex. (23,51%); Divo Claudio – 48 ex. (5,02%); Quintilus – 10 ex. (1,04%); Aurelianus e Severina – 25 ex. (2,61%); Postumus – 6 ex. (0,63%); Marius – 1 ex. (0,10%); Victorinus – 5 ex. (0,52%); Tetricus I e II – 2 ex. (0,21%); Tacitus – 4 ex. (0,42%); Florianus – 1 ex. (0,10%); Probus – 90 ex. (9,40%); Carus e família – 149 ex. (15,57%); Indeterminado – 1 ex. (0,10%). A moeda mais antiga é um *denarius* cunhado por Severus Alexander I,¹² em Roma entre 231 e 235, enquanto que os numismas que fecham este tesouro são cinco *antoniniani* em nome dos dois filhos de Carus, dois de Carinus¹³ e três de Numerianus¹⁴, da 6ª emissão da Casa da Moeda de Lugdunum, batidos entre agosto de 283 e o início de 284.

A análise mais aprofundada deste tesouro será realizada em ocasião posterior pelo que agora apenas nos iremos debruçar sobre um duplo *antoninianus* da primeira emissão de Lugdunum cunhada em nome de Carus datável de setembro de 282:

⁹ É este o número posteriormente citado na notícia do *Espigueiro* e no inventário de tesouros desta centúria coligido por Martínez Mira, I., *Tesorillos del s. III d.C. en la Península Ibérica, Lvcenvm XIX-XX, 2004-05*, p. 223, nº 121. Isabel Vila também indica este número total de peças na sua dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Santiago de Compostela em 2012: Vila Franco, I. *La monetización del Noroeste de la Península Ibérica a través de la red viária terrestre en época romana*, Tese de doutoramento policopiada, Departamento de Historia I, Faculdade de Xeografía e Historia, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2012, p. 714, nº 36.

¹⁰ Os números de inventário atribuídos nesta instituição, do MDDS 2005.0001-001 ao 2005.0001-958, indiciam a existência de 958 moedas mas o invólucro nº 2005.0001-865 encontrava-se vazio não existindo nenhuma fotografia com essa referência.

¹¹ É também este o número que legenda a estampa do vaso que continha o tesouro apresentada por José Dias Baptista embora identifique as moedas deste depósito como sendo “Baptista, J. D. (2006), p. 35-36 e 129 onde erradamente identifica as moedas deste tesouro como sendo “quase todas denários com magro banho de prata”. Baptista, J. D., *Montalegre*, 2006, p. 35-36.

¹² Reverso IOVI PROPVGNATORI (*Júpiter* de pé para a esquerda, cabeça para a direita, segurando raio na mão direita e águia na esquerda; manto a esvoaçar para a esquerda) (Nº Inv. Ecomuseu de Barroso (EMB) 927: 2,37 g; RIC⁴⁻² 238) RIC⁴⁻² = Mattingly, H., Sydenham, E. A. e Sutherland, C. H. V., *The Roman Imperial Coinage, vol. IV, part II, Macrinus – Pupienus*, Londres, 1938.

¹³ Reverso AEQVITAS AVGG (*Aequitas* de pé para a esquerda, segurando balança na mão direita, e cornucópia na esquerda) (Nº Inv. EMB 611: 3,75 g; RIC⁵⁻² 212; Nº Inv. EMB 42: 3,45 g; RIC⁵⁻² 212) RIC⁵⁻² = Webb, P. H., *The Roman Imperial Coinage, vol. V, part II, Probus to Amandus*, Londres, 1968 (reed.).

¹⁴ Reverso MARS VICTOR (*Marte* caminhando para a dir, segurando lança longa transversal (apontada para a frente), na mão dir e troféu sobre o ombro esquerdo) (Nº Inv. EMB 665: 4,11 g; RIC⁵⁻² 386; Nº Inv. EMB 151: 3,55 g; RIC⁵⁻² 212; Nº Inv. EMB 64: Não pesada por se encontrar integrada na exposição permanente; RIC⁵⁻² 212).

1 – Anv.: IMP C M AVR CARVS P F AVG; busto com dupla coroa radiada, para a direita, drapejado e couraçado, visto de frente;

Rev.: AB VNDANTIA A VG; Galera navegando para a esquerda; Exergo: X•ET•I;
Peso: 4,01 g; Bastien¹⁵ 443; RIC⁵⁻² 5; Cohen¹⁶ 5; Ecomuseu de Barroso (Montalegre);



Fig. 2 – Moeda 1 Anverso e Reverso (x 2)

No estudo realizado por Pierre Bastien¹⁷, sobre as atividades da *Moneta Lugdunensis* entre a sua reabertura em 274 e a morte de Carinus em meados de 285, apenas são referenciados os seguintes quatro exemplares de duplos *antoniniani*:

2 – Anv.: IMP C M AVR CARVS P F AVG; busto com dupla coroa radiada, para a direita, drapejado e couraçado, visto três quartos de frente;

Rev.: AB VNDANTIA A VG; Galera navegando para a esquerda; Exergo: X•ET•I;
Peso: 3,36 g; Bastien 443 b); RIC⁵⁻² 5¹⁸; Ashmolean Museum (Oxford);

3 – Peso: 4,68 g; Bastien 443 a); RIC⁵⁻² 5; British Museum (Londres);

4 – Anv.: IMP C M AVR CARVS•P•F•AVG; busto radiado, para a direita, drapejado e couraçado, visto três quartos de frente;

Rev.: ABVNDANTIA AVG; Galera navegando para a esquerda; Exergo: X•ET•I;
Peso: 3,71 g; Bastien 444 a)¹⁹; Cabinet des Médailles²⁰ (Paris);

5 – Peso: 4,32 g; Bastien 444 b); Kunsthistorisches Museum – Coleção Voetter (Viena).

¹⁵ Bastien, P., *Le monnayage de l'atelier de Lyon de la réouverture de l'atelier par Aurélien à la mort de Carin (fin 274 – mi 285)*, Wetteren, 1976.

¹⁶ Cohen, H., *Description Historique des monnaies frappées sous l'Empire Romain*, Paris, 1880-1882.

¹⁷ Bastien, *op. cit.*, p. 231, n^{os} 443 e 444.

¹⁸ Bastien estranhamente indica esta peça como sendo inédita no RIC o que constitui, certamente, uma gralha uma vez que o numisma apresentado por Webb (RIC⁵⁻² 5, p. 135, Plate V. 18) é precisamente a moeda depositada no British Museum a que atribuímos o número 3 e Bastien o n^o 443 a). A peça classificada como RIC⁵⁻² 5 nunca poderia ser a que Bastien atribui o número 444 porque este foi dado a duas moedas que apresentam pontos na titulação do anverso e um busto sem dupla coroa radiada.

¹⁹ Tal como já referido na nota anterior, Bastien classifica estas duas peças erradamente como RIC⁵⁻² 5.

²⁰ N^o 12.933.

Estas quatro peças têm ligações de cunho que denunciam a reduzida tiragem de que foram alvo. Estas ligações, representadas na figura 3, são as seguintes: a moeda agora apresentada foi batida usando os mesmos cunhos utilizados para a peça que se encontra no Ashmolean Museum (nº 3) que partilha também o cunho do anverso com a peça do British Museum (nº 2). As moedas com os números 4 e 5 partilham o cunho do reverso. Além destas características, ao observar a figura 3 é bem visível o reduzido desgaste apresentado pela moeda do tesouro de Montalegre explicado pela reduzida circulação a esteve sujeita. O duplo *antoninianus* alvo do presente estudo foi cunhado, como veremos adiante, em setembro de 282 e retirado de circulação, pelo seu entesouramento, no máximo um ou dois anos depois. As últimas moedas do tesouro de Montalegre são cinco *antoniniani* da 6ª série de Lugdunum (agosto de 283 – início de 284). Pierre Bastien divide esta emissão em dois momentos: um inicial em que as titulaturas são mais longas e os bustos usados são comuns e outro, datável do início de 284, em que as cunhagens se caracterizam pelos seus bustos ditos excepcionais e as titulaturas mais curtas. As cinco peças que fecham este depósito podem ser atribuíveis à primeira fase deste período uma vez que são moedas dos *Augusti* Carinus e Numerianus com as titulaturas longas IMP C M AVR CARINVS AVG e IMP C M AVR NVMERIANVS AVG e bustos comuns²¹.

Para explicar a existência dos duplos *antoniniani* temos que nos debruçar, ainda que de forma breve, sobre a reforma monetária promovida por Aurelianus em 274. Após anos de anarquia política e social e consequente desvalorização contínua da moeda, Aurelianus promove uma renovação do sistema monetário com o objetivo de restaurar a confiança na moeda em circulação²². As principais medidas tomadas foram a adoção do *aureus* com o talhe de 1/50 de libra usado no tempo de Caracalla; a introdução de uma nova moeda prateada com um fabrico mais cuidado, módulo maior e peso superior ao *antoninianus*²³. Estes novos *antoniniani*, a que J.-P. Callu chama *aurelianianus*²⁴, têm 1/84 de libra, busto radiado, e na maior parte das emissões apresentam uma das seguintes marcas no reverso: XXI, XX•I, XX ou KA²⁵. Este imperador é também responsável pela criação de um novo *denarius*, uma moeda com efígie laureada a valer 1/126 de libra, e pela reintrodução das denominações em bronze: as (*7,93g*), *dupondius* (*12,61g*) e *sestertius* (*18,75g*).

Durante o reinado de Tacitus foram cunhadas em Antioquia grandes quantidades de moedas

²¹ De Carinus temos 2 moedas com busto radiado, para a direita, drapejado e couraçado, visto três quartos de frente e de Numerianus existem 3 peças com o busto radiado, para a direita, drapejado e couraçado, visto três quartos de costas.

²² Bastien, *op. cit.*, p. 81. Como referido por José Ruivo, “a bibliografia sobre este tema é vastíssima” e muitas vezes contraditória (Ruivo, J., *Circulação monetária na Lusitânia do século III*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Edição policopiada, 2 Volumes, 2008, p. 200, n. 101). Para mais informações sobre o tema consulte-se Callu, J.-P., *La politique monétaire de empereurs romains de 238 à 311* (BEFAR 214), Paris, 1969, p. 323-329; Lafaurie, J., Réformes monétaires d'Aurélien et de Dioclétien, *Revue Numismatique*, 6ª s., 17, p. 81-107 e Bastien, *op. cit.*, p. 81-86.

²³ Ruivo, *op. cit.*, p. 200.

²⁴ Callu, *op. cit.*, p. 324, n.4.

²⁵ A significação destas marcas foi alvo de discussão por vários autores pelo que, não havendo uma tese que recolha a unanimidade, considerámos que constituem uma marca de valor indicando que 1 = 20, RIC⁵⁻¹, p. 9 (RIC⁵⁻¹ = Webb, P. H., *The Roman Imperial Coinage*, vol. V, part I, *Valerian to Florian*, Londres, 1968 (reed.)).

com as marcas A // XI e H // XI, em vez das habituais A // XXI e Z // XXI, e em Tripoli com * // IA em vez de * // KA²⁶. Karl Pink explica estas novas marcas pelas necessidades financeiras impostas pela guerra conduzida por Tacitus na Ásia Menor em que os pagamentos aos soldados, avaliados em *aurei* mas pagos em *antoniniani*, levaram à criação deste duplo *antoninianus* como forma de poupar metade do numerário²⁷. Sendo assim, a adoção desta nova unidade, abandonada por Florianus e Probus, é pontual e tem uma intenção nitidamente deflacionista aparecendo posteriormente apenas na emissão que agora apresentamos cunhada em nome de Carus, numa outra batida em Siscia pelo mesmo imperador e, mais tarde, pela mão de Carausius em Londinium.

Estas moedas terão sido cunhadas para servir de *donativum* distribuído ao exército, aquando da ascensão de Carus, em conjunto com *aurei* e *antoniniani* sem marca²⁸. Assim, embora o seu peso seja idêntico ao dos *antoniniani* correntes, considerando a marca X como metade da marca de valor XX usada nas peças reformadas por Aurelianus, estas moedas são claramente uma emissão sobrevalorizada, como defendido por Karl Pink, podendo a sua escassez em Lugdunum significar estarmos perante uma emissão especial puramente simbólica. O uso de uma dupla coroa radiada, em três das cinco peças conhecidas com o reverso ilustrado com uma galera com quatro soldados e a titulação ABVNDANTIA AVG, apoia esta tese ao ilustrar um valor duplo. Segundo o mesmo autor, o ET que aparece na marca X•ET•I, significa *et ideo*²⁹, e não *etiam*³⁰ como defende J. Lafaurie, logo queria dizer que o ET não tem função aditiva sendo usado para reforçar a ideia de que X corresponde, efetivamente a 10 (I=10 em grego) sendo uma marca que pudesse ser claramente lida em todo o império, de ocidente a oriente. Bastien vê no uso da *Abundantia* no reverso desta emissão, associada à clara deflação simbolizada pela dupla coroa radiada usada no anverso e pela marca do reverso, similar às usadas em grande escala por Florianus e Probus, o anúncio da vontade de Carus em realizar uma nova reforma monetária, que incluísse a revalorização do *antoninianus*, não efetivada devido à efemeridade do seu reinado³¹. Segundo J.-P. Callu estes são os sinais precursores da necessidade de uma reforma que viria a ser empreendida cerca de uma década mais tarde por Diocletianus³².

A localização do presente achado, junto à Via XVII que ligava *Bracara Augusta* (Braga) a *Asturica Augusta* (Astorga) através de *Aquae Flaviae* (Chaves)³³, a ausência de desgaste das cunhagens em nome de Carus e dos seus filhos, bem como a elevada representatividade destas emissões, quer em termos gerais, uma vez que perfazem 15,57% da totalidade do tesouro, quer a sua distribuição de uma forma regular por todas as emissões destes governantes até ao final de

²⁶ RIC^{s-1} 211, p. 347 e 214, p. 348 *cit.* por Bastien, p. 87.

²⁷ Pink, K., XI, IA und XII auf Antoninianen, *Numismatische Zeitschrift*, 74, 1951, p. 46-49.

²⁸ Bastien, *op. cit.*, p.120.

²⁹ *et ideo* = e, por conseguinte; Pink, *op. cit.*, p.46.

³⁰ *etiam* = também; Lafaurie, J., Monnaies de Tacite, Carus et Carin Marquées XI, XII, IA, *Bulletin de la Société Française de Numismatique*, 1974, p. 666-669.

³¹ Bastien, *op. cit.*, p. 91.

³² Callu, *op. cit.*, p. 328.

³³ A Via XVII passava pelos atuais concelhos portugueses de Braga, Póvoa do Lanhoso, Vieira do Minho, Montalegre, Boticas e Chaves. Montalegre encontra-se a cerca de 12 km da *mansio Caladunum* referida no *Itinerarium Antonini* como estando a 62 milhas de *Bracara*, provavelmente nas proximidades da atual povoação de Arcos ou no Alto da Serra do Pindo, sendo essa localização atestada pela existência de um marco milário com a milha 59 no vizinho lugar do Pindo. Sobre este assunto veja-se Rodríguez Colmenero, A.; Ferrer Sierra, S. e Álvarez Asorey, R., *Itinera Romana, Milarios e outras inscrições viárias do Noroeste Hispánico (Conventos Bracarense, Lucense e Asturicense)*, Lugo, 2004, p. 124-125; Vila, *op. cit.*, p. 265-266 e <http://viasromanas.planetaclix.pt> [accedido a 10 de outubro de 2013].

283³⁴, leva-nos a formular a hipótese deste depósito pertencer a alguém integrante do exército romano que tenha sido deslocado do sul da Gália no início do ano de 284 para o *conventus Bracarum* e tenha ocultado os seus bens, no local onde atualmente é Montalegre, num período de incerteza política, económica e social no decorrer desse ano como, por exemplo, aquando da morte de Numerianus na Bitínia em novembro ou da ascensão de Diocletianus a 20 do mesmo mês³⁵.



Fig. 3 – Moedas 1 a 5 Anverso e Reverso (x 1)

³⁴ Um exemplo do elevado número de peças de cada uma das cunhagens, especialmente da 4ª emissão datada por Bastien do primeiro trimestre de 283, é a presença no tesouro de Montalegre de 41 moedas emitidas pela terceira oficina de Lugdunum em nome de Numerianus *caesar* (Anv.: M AVR NVMERIANVS NOB C) ostentando no reverso *Marte* caminhando para a direita, segurando lança longa transversal (apontada para a frente) na mão direita e troféu sobre o ombro esquerdo (Rev.: MARS VICTOR). No seu estudo sobre as emissões da *Moneta Lugdunensis* entre 274 e 385 inventaria, nas várias coleções estudadas, 28 exemplares deste tipo. Bastien, *op. cit.*, p. 246, nº 519; RIC⁵⁻² 353, p. 187.

³⁵ Bastien, *op. cit.*, p. 31.

